

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

MARA LÚCIA REIS MONTEIRO DA CRUZ mara.mcz@gmail.com

INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA (CAP-UERJ)



INTRODUÇÃO

Alunos que não acompanham as expectativas de aprendizagem de seu ano de escolarização são motivo de muita preocupação por parte das escolas, dos professores e das famílias. Este fato gera muitos questionamentos sobre que encaminhamentos fazer, o que é possível cobrar da família, o que se pode exigir do próprio aluno, quais as causas dos problemas apresentados. É importante, também, refletir sobre as estratégias que escola deve desenvolver para favorecer o processo de aprendizagem deste estudante. Independente do diagnóstico realizado por profissionais especializados, o que certamente contribui em muito para uma melhor compreensão das dificuldades apresentadas, a escola deve avaliar o aluno e identificar seus pontos fortes e áreas que precisam ser mais trabalhadas. Além disso, é importante que este trabalho seja feito de forma diferenciada, e não consista em mera repetição ou exercitação dos conteúdos não aprendidos.

DESENVOLVIMENTO

Crianças com dificuldade de aprendizagem não apresentam distúrbios neurobiológicos, isto quer dizer que os problemas apresentados têm caráter provisório e suas causas podem ser localizadas em diferentes dimensões do processo de aprendizagem do indivíduo. Consideramos que estas dimensões são: a) social; b) pedagógica; c) psico-afetiva; d) psico-cognitiva; e) orgânica. A dimensão social perpassa todas as demais, que, por sua vez, apresentam pontos de interseção (WEISS & CRUZ, 2011). Sendo assim, a dificuldade de aprendizagem deve ser vista sempre na perspectiva da pluricausalidade (WEISS, 2009), ainda que, em uma avaliação psicopedagógica realizada pelo profissional competente, seja possível identificar algumas causas principais dentre uma série de fatores que consistem em obstáculos ao processo de aprendizagem. Esta avaliação nem sempre é acessível para todos. Entretanto, cabe à escola avaliar o aluno, compreender pedagogicamente suas dificuldades e desenvolver estratégias para favorecer seu processo de aprendizagem. Deve-se observar, portanto:



1. O interesse do aluno. Segundo Fernández (1991),

[...] o pensamento é como uma trama na qual a inteligência seria o fio horizontal e o desejo o vertical. Ao mesmo tempo acontecem a significação simbólica e a capacidade de organização simbólica (p. 67)

Assim como transtornos de atenção (que não são o nosso tema, nesta oficina) podem ser confundidos com desinteresse, a recíproca também ocorre: o aluno pode estar desatento por falta de interesse nas atividades escolares. Esta pode ser motivada por causas externas ao ambiente escolar (problemas familiares, por exemplo), como também por uma falta de sintonia entre a metodologia utilizada na escola e a forma de a criança aprender. Este fator é muito comum em nossa época, quando jogos eletrônicos condicionam as crianças a obter respostas imediatas e à satisfação gerada pela competitividade. Por outro lado, principalmente na rede privada de ensino, o sistema de avaliação em vigor tem gerado a falsa premissa de que a educação básica tem por objetivo preparar o aluno para a aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Há uma tendência a negar a infância e tornar o ambiente escolar, desde a alfabetização, em um lugar de realizar exercícios descontextualizados, às vezes até mesmo exaustivos;

2. O processo de desenvolvimento da escrita: alguns “erros” consistem, na verdade, em características da evolução da escrita. É importante analisar como ocorrem, há quanto tempo, em que contextos. A linguagem escrita, em seus primeiros estágios de desenvolvimento, apoia-se na linguagem oral. Isto não significa que a escrita seja a transcrição da fala, são sistemas diferentes, no entanto a escrita, inicialmente, é marcada por traços da oralidade.

Na fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita, a linguagem oral funciona como apoio, um elo intermediário. É impossível a leitura silenciosa, da mesma forma que é preciso dizer, simultaneamente, silabando, o que se está escrevendo: a fala orienta a escrita da mesma forma que a fala egocêntrica orienta as ações da criança pequena (CRUZ, 2013, p. 73).

3. O processo de aprendizagem da matemática, que possui complexidade crescente - o conceito de conjunto é fundamental, por exemplo, para futuras operações que envolvem agrupamento. É possível, portanto, que uma dificuldade na matemática



signifique a falta de um conhecimento prévio. Há, também, casos de dificuldades que envolvem outras áreas de conhecimento. É o que acontece, por exemplo, quando a criança não consegue resolver problemas matemáticos porque tem dificuldade na interpretação de textos. Algumas estratégias pedagógicas para favorecer o processo de aprendizagem de alunos com dificuldades são:

1. Desenvolver pequenos projetos: despertar a curiosidade dos alunos por algum tema, ou assunto. Solicitar que pesquisem sobre ele. Elaborar algum produto com as pesquisas, como painel, exposição, ou dramatização (exemplo: dramatizar um telejornal e cada aluno apresenta uma notícia).

2. Tornar o material didático mais acessível: algumas pequenas modificações no material didático podem tornar os textos mais atraentes e também mais fáceis de serem compreendidos pelos alunos com dificuldades, como, por exemplo, usar fonte 14 sem serifas nos impressos, usar ilustrações para reforçar o sentido dos textos, separar as informações dos problemas de matemática, apresentando-as uma em cada linha, ensinar a criança a localizar e sublinhar as palavras que indicam as ações pedidas nas atividades (como “descreva”, “envolva”, “marque com um X”);

3. Utilizar material concreto: recursos como material dourado, blocos lógicos, material contável, cédulas e moedas de brinquedo tornam os conceitos matemáticos mais concretos, facilitando o processo de aprendizagem.

4. Diversificar: apresentar o mesmo conteúdo de formas diferentes favorece que alunos com dificuldade possam compreender melhor o conteúdo.

5. Jogos ou atividades lúdicas: “o saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando.” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 165) Através do jogo é possível, ao mesmo tempo despertar o interesse do aluno e favorecer que construa conhecimentos. As atividades lúdicas podem desenvolver a criatividade e favorecer que o aluno estabeleça vínculos positivos com o ambiente e os conteúdos escolares. É possível desenvolver jogos que envolvam conhecimentos de diversas áreas. Podemos citar alguns exemplos: a) Jogo da conquista (objetivo: compreender a multiplicação): cada jogador utilizará uma folha de papel quadriculado, onde taçou o limite de 10 por 10 quadrados, lápis de cor e dois dados. Cada jogador, na sua vez, lançará os dois dados. Ele deve observar os números



ou quantidades das faces dos dados e realizar os cálculos de multiplicação, anotando a conta correspondente. Em seguida, deve pintar a quantidade de quadrinhos correspondentes ao produto. b) *Stop* ortográfico: montar uma tabela com 5 colunas, combinando um tema para cada coluna. Em cada linha define-se uma dificuldade ortográfica comum para todos. A um sinal, os alunos em grupos ou duplas, devem preencher uma linha por vez. Quem preencher corretamente primeiro, fala *stop*. A correção ocorre durante a contagem dos pontos. c) Fábrica de contos (PICCOLI & CAMINI, 2012): o professor elabora cartões com personagens mágicos, lugares, ações (elementos que podem compor uma narrativa) e os coloca em uma caixinha. Os alunos sorteiam os cartões e devem escrever a história. Ao invés de caixas, também pode ser elaborado um mural com envelopes ou bolsinhos para conter os cartões. Os alunos podem elaborar fantoches ou caracterizarem a si mesmos para apresentar o conto que elaboraram, dramatizando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, para favorecer a aprendizagem de alunos com dificuldade, é importante avaliar, contextualizar, diversificar. A aprendizagem é, via de regra, um processo singular. Cada aluno tem sua própria forma de aprender, ainda que possa ser beneficiado pelo trabalho em grupo. O ensino-aprendizagem, por sua vez, deve ser um processo dialógico. É através do diálogo que o professor conhece o aluno, identifica como ele pensa e, somente assim, pode refletir sobre as modificações necessárias no processo para favorecer seu desenvolvimento. É preciso ajudar o aluno a estabelecer relações entre o conhecimento novo e o que já domina. É importante, também, valorizar o que ele sabe fazer bem, para que desenvolva o sentimento de autovalorização e sinta-se encorajado a enfrentar os desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, M.L. R.M da. **Ambiente virtual de aprendizagem para letramento de alunos com deficiência intelectual**. 2013. 246p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.



**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INCLUSÃO ESCOLAR:
práticas em diálogo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - CAP-UERJ - 21 a 23 de outubro de 2014



FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

PICCOLI, L. e CAMINI, P. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

WEISS, A. M. L. & CRUZ, M. L. R. da. Compreendendo os alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. In GLAT, R. (org) Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. 2. ed. RJ: 7Letras, 2011.

WEISS, M. L. L. **Combatendo o fracasso escolar**. Obstáculos à aprendizagem e ao desenvolvimento da leitura. In WEISS, M. L. L. & WEISS, A. Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar. RJ: Wak, 2009.